

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES**

CURSO DE GEOGRAFIA

VIVIAM GHIZELLINI DE OLIVEIRA

O VERDE URBANO E A (DES)VALORIZAÇÃO SOCIOESPACIAL:

UM ESTUDO DA *UFV-PARQUE*

**VIÇOSA, MG – BRASIL
OUTUBRO – 2008**

VIVIAM GHIZELLINI DE OLIVEIRA

O VERDE URBANO E A (DES)VALORIZAÇÃO SOCIOESPACIAL:
UM ESTUDO DA *UFV-PARQUE*

Monografia apresentada ao Curso de Geografia da
Universidade Federal de Viçosa como pré-requisito para
obtenção do título de bacharel em Geografia.
Orientadora: Prof^a. Maria Isabel de Jesus Chrysostomo.

VIÇOSA, MG – BRASIL
OUTUBRO – 2008

VIVIAM GHIZELLINI DE OLIVEIRA

O VERDE URBANO E A (DES)VALORIZAÇÃO SOCIOESPACIAL:

UM ESTUDO DA *UFV-PARQUE*

Monografia apresentada ao Curso de Geografia da
Universidade Federal de Viçosa como pré-requisito para
obtenção do título de bacharel em Geografia.
A banca examinadora é composta:

Prof^a. Maria Isabel de Jesus Chrysostomo (Orientadora)

Departamento de Artes e Humanidades
Universidade Federal de Viçosa

Prof. Rafael de Ávila Rodrigues
Departamento de Artes de Humanidades
Universidade Federal de Viçosa

Prof. Klemens Augustinus Laschefski
Departamento de Artes e Humanidades
Universidade Federal de Viçosa

*Para os meus pais amados Daniel e Marisa, e
meus irmãos queridos, Lilian e Caio.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que de forma extraordinária, revigorou minhas forças, mesmo quando eu pensei que não conseguiria mais.

Agradeço aos meus pais, Daniel e Marisa, pelo apoio incessante aos meus estudos, abrindo mão de coisas pessoais, em alguns momentos, para que hoje eu vivesse esta vitória. Isto é para vocês!

Aos meus irmãos, Lilian e Caio, que, mesmo à distância, na dor da saudade, sempre me deram amor e carinho necessários para eu continuar.

Ao meu noivo, Johnny, o presente da minha vida mineira. Você também faz parte dessa vitória pelo amor e cuidado dispensados a mim durante este tempo de graduação. Sou muito feliz por tê-lo ao meu lado!

À Igreja Presbiteriana de Viçosa e à ABU-Viçosa que me acolheram desde o princípio e me trouxeram a possibilidade de crescimento e profundos aprendizados.

Às Fofas: Aline, Déborah, Juliana, Monique; e todas as outras que passaram pela república mais fantástica que eu poderia morar. Vocês são minhas irmãs, muito obrigada!

À República Aloha: Bela, Bia e Tati. Vocês foram a boa surpresa dos meus últimos meses aqui, muito obrigada pelo companheirismo e carinho. Valeu demais!

À Prof^a. Isabel, por ter acreditado em mim e me ajudado a seguir em frente neste trabalho. Seu apoio foi fundamental.

Aos Profs.: Zé Augusto com quem iniciei os questionamentos desse trabalho, Griffith pela atenção, André pelo apoio no meu retorno às aulas e às outras pessoas que nessa caminhada, me fazendo rir ou chorar, me deram a oportunidade de crescer e ser mais forte.

“(...) a tribulação produz a paciência; e a paciência, a experiência; e a experiência, a esperança.”(Romanos 5:3b-4)

RESUMO

Em diferentes períodos da história, as formações de áreas verdes nas aglomerações urbanas refletiram o pensamento e os modos de organização social. Na atualidade, essas áreas, no Ocidente, emergem como fruto da incorporação dos valores estéticos vindos desde o Renascimento, desdobrando-se na exibição do poder; além disso, elas refletem os alardes ambientalistas contemporâneos que valorizam a volta à natureza. Contudo, essas áreas verdes não se encontram em seu estado primeiro de natureza, antes, são construídas e configuram uma *natureza socializada* que possui valor de mercado e, como mercadoria, se torna objeto de valorização das terras.

Tal processo pode ser identificado na cidade de Viçosa, Minas Gerais, visto que a cidade recebe considerável influência da Universidade Federal de Viçosa (UFV) que tem em suas áreas verdes uma paisagem que valoriza a beleza estética e proporciona a exibição de grandeza e *marketing* institucional. Além da própria instituição federal de ensino, as áreas verdes do *campus* também são apreendidas pelos agentes imobiliários no processo de valorização das terras do entorno e pela população que, sem muitas opções na cidade, se serve delas como área de lazer, configurando a função de parque ao espaço que é tipicamente *locus* do ensino. Apesar de ser este um local público, as pessoas que majoritariamente o utilizam para o lazer são seletas, abrangendo as classes sociais mais elevadas de Viçosa. Diante de tais fatos, constata-se que a apropriação das áreas verdes do *campus* universitário propicia tanto a demonstração de poder institucional, quanto a valorização e desvalorização socioespacial do município.

PALAVRAS-CHAVE: VERDE – LAZER – VALORIZAÇÃO SOCIOESPACIAL

SUMMARY

In different periods of history, green urban areas have reflected thinking of the times in general and modes of social organization. Over the years and even today they reflect aesthetic values that have been physically incorporated in the West ever since the Renaissance as an unfolding display of power. They are also the result of contemporary environmentalist fanfare for those who value a return to nature. However, green areas rarely remain in their natural state; instead they are socially constructed. It is in this manner that such forms of socialized nature have market value. As merchandise, they therefore become the object of land value appreciation.

Such a process was identified in the city of Viçosa, State of Minas Gerais, Brazil. As the city itself is practically dominated by the large campus of the Federal University of Viçosa, the campus green areas enhance the university's landscape aesthetics and provide a sense of grandeur and institutional marketing. In addition to the university valuing its own lands, others take advantage of the appreciation afforded by the campus: land immediately adjacent to the Institution has higher real estate value; lacking any other suitable recreation alternative, citizens use the campus as a park. Localities that are meant support educational ends also fulfill the function of park as well. Even though the campus is a public place, there is a process of social selection for its leisure-time users. They tend to be local upper class. In consideration of these facts, it would seem that ownership of campus green areas demonstrates how institutional power affects increase and decrease of town social-spatial value.

KEY WORDS: GREEN – LEISURE – SOCIAL-ESPACIAL VALUE

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO -----	10 – 14
2 METODOLOGIA -----	15 – 17
3 O VERDE COMO NATUREZA SOCIALIZADA -----	18- 20
3.1 O Verde nas Constituições Urbanas -----	21- 24
3.2 A Criação das Áreas Verdes na UFV e a Funcionalidade de Parque -----	25- 30
4 OS OLHARES SOBRE O VERDE E A UFV-PARQUE -----	31
4.1 A UFV-Parque na Ótica Administrativa da UFV -----	32- 35
4.2 A idéia de UFV como Parque: O Olhar da População -----	36- 44
4.2.a Quem são os usuários da UFV-Parque? -----	45- 49
4.3 O Verde e a UFV como Objeto de Valorização: O Olhar dos Agentes Imobiliários -----	50- 54
5 CRUZANDO OS OLHARES -----	55
6 CONCLUSÃO -----	56- 57
BIBLIOGRAFIA -----	58- 59
ANEXOS -----	60- 62

1 INTRODUÇÃO

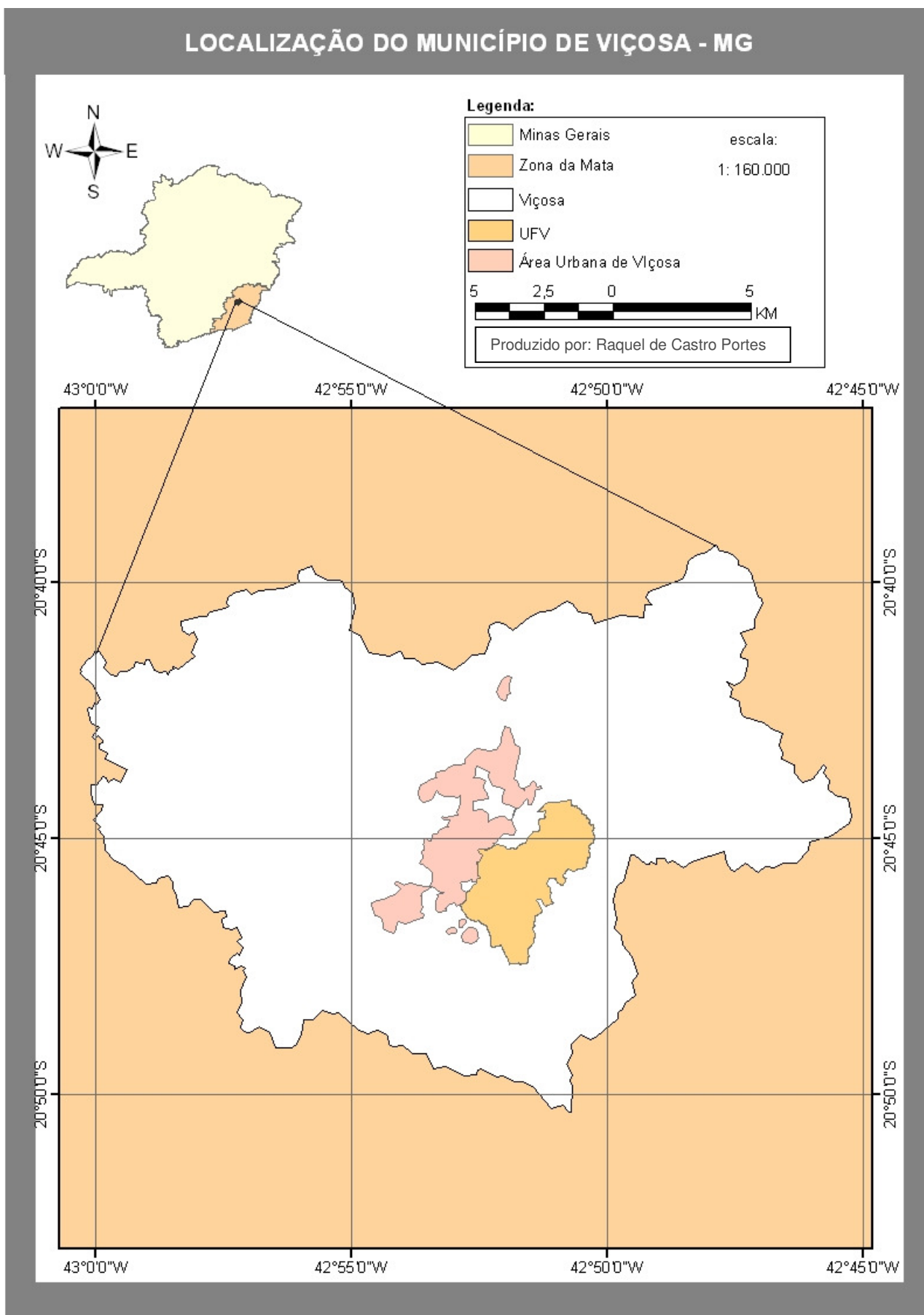
As relações sociais marcam um determinado tempo e se materializam no espaço, ou seja, aquilo que habita o nível do imaterial (idéias, crenças, ideologias, diretrizes políticas, econômicas, etc) são expostas aos olhos, dentre outras formas, pela configuração das áreas que estão sob controle humano. Um exemplo bem próximo na contemporaneidade são as áreas tidas como urbanas.

Estas áreas sofrem intensas e rápidas transformações, contudo, conservam partes do passado, revelando ao mesmo tempo as idéias pretéritas e presentes. As presentes podem também apresentar o inovador ou futurista, mas não deixam de beber nas fontes passadas, reformulando o já existente de acordo com os interesses daqueles que possuem o controle do poder no momento, e conforme a intenção de atender novas demandas. Um evento hoje que mostra esse movimento forte no passado e no presente dentro das áreas urbanas é o uso e a valorização do *verde*. Por verde aqui se entende arborização, paisagismo, fragmentos florestais, ou outras coisas que caracterizam “manchas verdes” no espaço urbano.

Durante o período que ficou conhecido como Renascimento, o verde foi tomado pelo ideal da matematização e se expressou nos jardins geometricamente planejados, trazendo uma nova idéia sobre meio “natural”. Isso provocou o que WENDEL chamou de “desencantamento da natureza” (2006, p. 65). Na atualidade, o discurso e a imagem do verde se revestem de novos significados, mas não necessariamente de novas formas. Jardins geométricos e árvores enfileiradas, ou devidamente aglomeradas passaram a ser valorizadas pela população que habita em meio a modernidade de asfalto e concreto. Essa seria uma tentativa de reaproximação do natural, ou seja, a construção da *imagem* de natureza: “uma imitação ou reprodução” (WENDEL, 2006, p. 66).

Soma-se à construção dessa imagem do verde e sua valorização, os alardes ambientais dos últimos tempos e os reais problemas conseqüentes da poluição, tão facilmente sentidos pelos moradores das grandes áreas urbanas. Essa valorização suscita e é suscitada por agentes do sistema econômico que em âmbito local respondem aos problemas gerados pelo mesmo sistema com proporções planetárias. O verde passa, dessa forma, a ter valor de mercado, e como mercadoria, torna-se objeto de valorização das terras. Tal processo, então, se torna um fator de peso no mercado imobiliário da atualidade, formando novas configurações socioespaciais nas áreas urbanas.

Tanto a imagem do verde, seu discurso e valorização não se restringem apenas a grandes centros urbanos, ocorrendo também nas pequenas e médias aglomerações urbanas. Este é o caso do município de Viçosa, Minas Gerais que está localizado na região da Zona da Mata mineira, conforme se vê no mapa 1. Este município se diferencia dos outros ao seu redor pela presença impactante da Universidade Federal de Viçosa (UFV), instalada num grande *campus* que tem sua entrada principal, no interior do centro da cidade. O *campus* da UFV é considerado um dos mais belos do Brasil devido aos seus jardins bem cuidados, às árvores plantadas e às gramas aparadas que permeiam suas lagoas. Devido a essa paisagem, o *campus* da UFV não exerce apenas a óbvia função de *lócus* do ensino no município, mas provoca conseqüências sociais e espaciais na área urbana de Viçosa, como a utilização de seu espaço para diversas atividades de lazer e a valorização dos imóveis de seu entorno.



Mapa 1. Fonte: IBGE, 2001.

Conforme discute WENDEL (2006), a valorização do verde nas áreas urbanas ocorre por motivos higienistas e de saneamento devido à poluição, mas também por motivos estéticos como os “passeios e a exibição do poder” (2006, p. 67). Observa-se no caso da UFV com relação ao verde, que é possível estabelecer uma associação com os motivos estéticos e, de certo modo, até na especificidade da “exibição de poder”. Esse fato se torna mais explícito quando se observa que a instituição é utilizada como atrativo pelos especuladores, ou seja, os agentes imobiliários se utilizam da vista e da proximidade desta instituição como *marketing*¹ e aumento do valor das terras e imóveis privados, agravando a segregação sócioespacial do município.

Por outro lado, a imagem do *campus* da UFV também se expande de tal modo que além de servir ao mercado, passa também a ser apropriada por parte da população como parque, sendo o espaço do *campus* utilizado para o lazer e entretenimento, principalmente nos finais de semana e feriados, momentos em que se podem observar grupos de pessoas utilizando os belos gramados e jardins para sua diversão e lazer.

Diante dessas várias formas de apropriação realizadas tanto pela UFV, como pelo mercado imobiliário e pela população, propõe-se com essa monografia, entender como áreas verdes urbanas contribuem no processo de valorização e desvalorização do espaço, por meio do estudo da paisagem da UFV, compreendendo sua intencionalidade e desdobramentos.

O estudo pretendido emerge como um fato de expressão, na medida em que se constata a importância da UFV para a cidade de Viçosa em vários aspectos, inclusive na configuração do espaço urbano, já que a localização dessa instituição valoriza e ao mesmo tempo desvaloriza determinados espaços. Além disso, esse estudo pretende evidenciar uma concentração de privilégios no uso da UFV como “parque”, mesmo sendo esta uma área

¹ No ano de 2007, um dos recentes empreendimentos às portas da entrada principal do *campus*, foi lançado com o apelo: “Venha morar de frente para a melhor vista de Viçosa”.

pública.

Nesse sentido, a compreensão de tal mecanismo, pode revelar alguns aspectos das relações sociais em Viçosa e dos interesses que envolvem o uso e a apropriação da imagem e do espaço, possibilitando, assim, uma reflexão que contribua para uma redefinição dos usos do espaço da UFV e de outras áreas semelhantes com vistas ao benefício não segregado e democratizado das áreas públicas.

2 METODOLOGIA

Para compreender como as pessoas entendem as áreas verdes e sua identificação na cidade de Viçosa, foi utilizado um questionário (anexo 1) semi-estruturado em locais que abrangessem a maior diversidade socioeconômica possível. Assim, os locais escolhidos foram a rodoviária, o Calçadinho e a Feira de Santa Rita que ocorre aos sábados. A mesma entrevista também foi aplicada a pessoas dentro do campus da UFV nos finais de semana. A escolha desses dias visava identificar o perfil das pessoas que frequentam o campus como área de lazer e o que essas pessoas consideram a respeito do verde urbano. Além das entrevistas, também foram realizadas observações *in loco* e retirada de fotografias. No total foram concedidas 200 entrevistas pela população, sendo 50 realizadas em cada um dos quatro lugares já mencionados, no período que foi do dia 3 ao dia 13 de setembro de 2008, abrangendo 2 finais de semana.

Para análise dos questionários, foram estabelecidas palavras-chave encontradas nas respostas dos entrevistados que representassem as variedades de respostas. Na primeira questão, que objetivou levantar o que a população entende por área verde, foram estabelecidas as seguintes palavras-chave: vegetação, natureza, paz, vegetação com infra-estrutura, vegetação com fauna e respostas mistas, abarcando respostas que se encaixavam em mais de uma palavra-chave.

Na palavra-chave vegetação foram inclusas expressões que indicaram qualquer tipo de formação vegetal. As respostas que indicaram vegetação acompanhada de certos equipamentos, geralmente para o lazer e o turismo, foram classificadas como vegetação com infra-estrutura e as que denotaram a associação da vegetação com a presença de animais, foram incluídas em vegetação com fauna.

Já na palavra-chave natureza, foram incluídas expressões que abrangessem locais preservados quase sem mudanças antrópicas. Por paz, entendeu-se repostas que, sem margem para outra definição, apontaram as áreas verdes como um bem-estar interior.

Na segunda questão dirigida à população, o objetivo era saber o porquê se considera importante a existência de áreas verdes na cidade. As palavras-chave elencadas foram: lazer, ar, qualidade de vida, temperatura, estética, macroclima, infiltração no solo, preservação de espécies e conscientização ambiental.

A palavra-chave lazer incluiu as respostas que associaram a existência de áreas verdes na cidade, a espaços que propiciam o encontro social, atividades esportivas e entretenimento em geral. Por ar foram entendidas todas as repostas que apontaram expressões como melhoria nas condições atmosféricas locais, principalmente pela diminuição da poluição que as áreas verdes causariam. Em temperatura foram colocadas respostas que indicaram a contenção do aumento de temperatura na área urbana e o sombreamento. Por macroclima foram entendidas as respostas que abarcaram o clima em escalas maiores que a da cidade, incluindo efeito estufa, por exemplo. A palavra-chave estética definiu respostas que indicaram a áreas verdes contribuição das áreas verdes na cidade para a ornamentação e beleza cênica. Em infiltração no solo, foram colocadas expressões que apontaram a importância das áreas verdes na prevenção de enchentes. As respostas englobadas em preservação de espécies foram as que citaram as áreas verdes como locais próprios para a manutenção de espécies tanto vegetais como animais. Por fim, a conscientização ambiental abarcou as respostas que apontaram a importância de existirem áreas verdes na cidade, para a propagação da conscientização ambiental da população.

Na questão a respeito das atividades desenvolvidas na UFV enquanto área de lazer resultaram três palavras-chave: atividade física, descanso e lazer geral. Por atividades físicas, foram entendidas todas as respostas que apontaram o uso da UFV para lazer na prática de

algum tipo de esporte ou atividade física. Aqui foram incluídas respostas como caminhadas ou corridas, vôlei, basquete, futebol e levantamento de peso. Em descanso foram incluídas as respostas de pessoas que usam o espaço do *campus* da UFV para relaxar, descansar ou simplesmente contemplar a paisagem. Por lazer geral foram entendidas atividades como picnic, passeio com os filhos, com amigos, com animais de estimação e jogos em grupo para entretenimento.

Na identificação da gênese e intencionalidade da imagem de UFV, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a história da UFV, além de materiais publicitários da universidade e entrevista semi-estruturada com o chefe da Divisão de Parques e Jardins da UFV (anexo 2). Esta entrevista foi concedida no dia 16 de setembro de 2008.

Por fim, na pesquisa sobre a influência da UFV-Parque no processo de segregação socioespacial de Viçosa e o papel exercido pelos agentes imobiliários, foi analisada a distribuição socioeconômica da população representada na base cartográfica das ruas do município, para isso foram produzidos mapas em Arc Gis® 9.2. Para identificar a relação valorização imobiliária/ distância da UFV, também foi analisado o *marketing* envolvendo o *campus* da universidade e entrevistas semi-estruturadas com agentes imobiliários (anexo 3). Essas entrevistas abrangeram 8 das 26 imobiliárias da cidade de Viçosa e foram concedidas no período de 16 a 27 de setembro de 2008.

3 O VERDE COMO NATUREZA SOCIALIZADA

Como já foi anteriormente exposto o que se chama de verde neste trabalho, relaciona-se com arborização, paisagismo, fragmentos florestais, ou outras coisas que caracterizam “manchas verdes” no espaço urbano. A denominação *verde* vem da dificuldade de expressar essas áreas como *natureza*, conforme apontam alguns autores, pois esta seria o estágio primeiro de sua composição, sem as alterações profundas dadas pela intervenção de técnicas avançadas desenvolvidas pelo homem. Nesta perspectiva, essas áreas até poderiam ser denominadas *natureza*, mas quando acompanhadas de alguns adjetivos tais como “*segunda natureza*”, “*natureza humanizada*”, “*natureza antropológica*”, “*natureza socializada*”, ou outros adjetivos que denotem a mudança da natureza original pela ação humana.

Popularmente há uma forte tendência das pessoas confundirem a relação de natureza com áreas arborizadas (sejam as criadas pelo homem ou não) e destas com a cor verde. Além disso, a denominação *verde* é utilizada para adjetivar órgãos, instituições ou mesmo ações que subentendam uma certa proteção da natureza. Assim, denominam-se como *verdes*, instâncias como partidos políticos, ONG’s ou mesmo ações empresariais expressas em selos comerciais. Desta forma, justamente por se tratar neste trabalho de uma natureza socializada – áreas jardinadas, com arborização construída e infra-estrutura – que tem na cor verde sua maior expressão, abre-se, um precedente para a denominação aqui utilizada: *verde*.

Um autor que mais recentemente aponta com propriedade a socialização do meio natural é Milton Santos em várias de suas obras. Esse autor assinala que as transformações sociais atribuem novos significados ao meio conhecido como natural, a ponto de se caracterizar não mais apresentado como em seu estado original, mas como refugiado nos interstícios do social. Nas palavras de SANTOS (2002, p. 131) as seguintes considerações são feitas em relação a natureza:

A primeira presença do homem é um fator novo na diversificação da natureza, pois ela atribui às coisas um valor, acrescentando ao processo de mudança um dado social. Num primeiro momento, ainda não dotado de próteses que aumentem seu poder transformador e sua mobilidade, o homem é criador, mas subordinado. Depois, as invenções técnicas vão aumentando o poder de intervenção e a autonomia relativa do homem, ao mesmo tempo em que se vai ampliando a parte da 'diversificação da natureza' socialmente construída (...) Com a marcha do capitalismo, amplia-se a tendência que, sobre a diversificação da natureza, operada pelas forças naturais, se realize uma outra diversificação, também à escala global, mediante forças sociais. Primeiro, o 'social' ficava nos interstícios; hoje é o 'natural' que se aloja ou se refugia nos interstícios do social (SANTOS, 2002, p.131).

Denota-se, desta forma, que o homem inicia a modificação da natureza ao atribuir-lhe valor e se concretiza nas modificações da sociedade, com o domínio da técnica e dos instrumentos, sendo esses, os elementos propulsores da existência de uma transformação cada vez maior da natureza por meio do trabalho. Uma consequência imediata desse processo é a modificação da configuração espacial, ou seja, inicia-se um processo de produção do espaço já que “produzir e produzir espaço são dois atos indissociáveis (...) É por essa forma que o espaço é criado como Natureza Segunda, natureza transformada, natureza social ou socializada”.(SANTOS, 2002, p. 203).

Os desdobramentos causados pelas mudanças nos padrões produtivos que formaram uma natureza socializada acarretaram também profundas mudanças nos padrões de habitação e aglomeração humana, caracterizada pelo predomínio do urbano e da desnaturalização do

meio. Entretanto, como parte do sistema maior, esse processo não deixou de produzir suas próprias contradições. A raridade da natureza no meio urbano e os problemas vitais gerados por suas intensas transformações, trouxeram-lhe uma nova valorização, seja como substrato natural, seja como “natureza criada” para a produção de valor do espaço, acarretando novos problemas de conflitos pelo uso e ocupação do mesmo.

3.1 O Verde nas Constituições Urbanas

A modificação intensa da natureza acarretou diversas dificuldades que não tardaram muito a serem evidenciadas. No contexto da constituição das primeiras aglomerações humanas em torno das fábricas, em meados do século XVIII, havia níveis críticos para a sobrevivência naqueles ambientes notadamente em função do alto nível de insalubridade. Esse fato fez emergir a idéia da criação de espaços verdes nos centros urbanos nos discursos higienistas e de saúde pública:

(...) desenvolvia-se a idéia de associação de melhores condições sanitárias, com a presença de árvores e espaços onde elas pudessem ser plantadas e cultivadas. Plantar árvores passava a ser uma recomendação de valorização social e política. Associava-se a presença de árvores à purificação do ar e a criação de parques públicos ao combate das causas das epidemias. Segundo essa concepção, árvores e parques tornariam melhor o ar da cidade e proporcionaria maior incidência de luz natural.”(SARTI, 2002. p. 7)

Assim, o forte apelo à constituição de áreas verdes urbanas caracterizado ainda nos primórdios da industrialização, aparece com grande força na contemporaneidade, dadas as proporções planetárias tomadas pelos problemas ambientais. Contudo, a importância dada à instituição dessas áreas não veio somente do apelo ambiental, mesmo porque “(...) a ‘questão ambiental’ necessariamente significa coisas diferentes para pessoas diferentes (...)” (HARVEY, 2004. p. 117). Com isso, muito antes desse período já havia uma tendência de produzir áreas verdes atendendo especialmente a objetivos estéticos, que refletiam o pensamento determinadas épocas:

O uso do verde urbano, especialmente no que diz respeito aos jardins, constituem-se em um dos espelhos do modo de viver dos povos que o criaram nas diferentes épocas e culturas. A princípio estes tinham uma função de dar prazer à vista e ao olfato. Somente no século XIX é que assumem uma função utilitária, sobretudo nas zonas urbanas densamente povoadas. Determinaram conhecimentos que foram desenvolvidos e aprimorados na Idade Média, quando surgiram os jardins botânicos, os quais davam ênfase ao cultivo e manutenção de espécies medicinais. Com o Renascimento, o homem passa a cultivar uma grande variedade de espécies vegetais de diferentes regiões, as quais eram colecionadas e expostas em jardins botânicos do Velho Mundo. (LOBODA; DE ANGELIS, 2005. p.126)

De acordo com estes autores, a arte de construir áreas jardinadas vem desde a antiguidade no Egito e na China, mas seria a Grécia o local onde elas passaram primeiramente a tomar um caráter público, ao adquirirem a função de espaços livres para o usufruto da comunidade em atividades como o passeio, conversa e lazer.

Segundo BASTOS (1986), essa jardinagem começou a tomar novas formas no Renascimento², quando as idéias greco-romanas associaram-se a manifestações de arte que pretendiam imitar a beleza natural, objetivando atingir a beleza artística. A estrutura do belo passou a ter um aspecto matemático das ciências empíricas e critérios como harmonia, ordem e proporção.

Assim, a matematização e a noção de organização que marcaram as artes renascentistas, refletidas, inclusive, na constituição de áreas ajardinadas, passaram a ser produzidas à luz da arquitetura, buscando refinamentos estéticos e incorporando elementos artificiais de ornamento nas formas mais diversas e ricas, projetando, dessa forma, um espaço de alto valor artístico.

² No período da história do mundo ocidental denominado Renascimento, iniciado por volta do fim do século XIII, até meados do século XVII, o homem redescobriu e vivenciou os valores greco-romanos, passando a se apoiar e validar seus feitos na “razão” e nos seus experimentos sobre natureza. A arte foi a primeira grande manifestação do Renascimento e se determinou como uma análise da natureza, retratando o belo existente nela. Com os progressos técnicos e teóricos, o naturalismo Renascentista, usou a pintura, escultura e arquitetura para revelar de modo científico e estético, a natureza (BASTOS, 1986).

O movimento iniciado nesse período continuou servindo de modelo para a posteridade e ainda hoje existem muitos jardins com características semelhantes, cada um, no entanto, apresentando suas particularidades devido à incorporação de diferentes influências artísticas e da realidade em que foram concebidos.

Uma grande influência que se pode constatar nas áreas verdes urbanas de hoje é a dos jardins franceses e ingleses. Os primeiros buscam uma “concepção cenográfica em larga escala”, influenciando, assim, no “surgimento das áreas verdes – praças e parques – abertas à população”, no entanto, foram os ingleses os pioneiros na elaboração de parques públicos como são conhecidos hoje (LOBODA; DE ANGELIS, 2005. p. 128). Além dos famosos jardins franceses e ingleses, a partir do século XVI, apareceram espaços ajardinados com características peculiares na América do Norte.

O Brasil recebeu todas essas influências, apresentando grandes jardins e áreas com o verde ordenado desde os primeiros séculos da colonização. Essas áreas possuíam importância considerável no território brasileiro, visto que suas localizações se davam ao redor das edificações de maior apuro arquitetônico, se constituindo em focos da atenção urbanística dos principais administradores.

O fato de a administração pública depositar uma preocupação intencional no asseio dessas áreas verdes ajardinadas denota um significado a elas atribuído para além da beleza estética em si. O ordenamento e organização das mesmas produzem uma imagem nas localidades onde estão inseridas, configurando o que WENDEL (2006) chamou de *exibição do poder*, outrora já demonstrado por meio dos belos jardins privados de famílias nobres. Como parte da esfera pública, as grandes e belas áreas verdes ajardinadas desempenham o papel de mostrar e afirmar o poder do Estado por meio da suntuosidade de suas constituições na cidade. Isso ocorre porque as imagens visuais são resultado de processos produtivos e, segundo PEREIRA (2006), grande parte dos valores sociais são regidos por

signos visuais que têm a capacidade de produzir valores socialmente aceitos, portanto, muitas vezes fundamentais na própria estrutura do poder.

Assim, ao serem consideradas tais questões, pressupõe-se que o aspecto da exibição do poder a partir da construção e investimentos nas áreas verdes, se assemelha à constituição do *campus* da UFV, que é considerado um dos mais belos do Brasil.

3.2 A Criação das Áreas Verdes na UFV e a Funcionalidade de Parque

Segundo SABIONI e ALVARENGA (2006), a história da Universidade Federal de Viçosa pode ser dividida em três fases: a primeira com a criação da Escola Superior de Agronomia e Veterinária (ESAV) em 1926, a segunda quando a Escola Superior se tornou Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) em 1948, e a terceira com a expansão de Universidade Rural para Universidade Federal de Viçosa (UFV), a partir de 1969. A instalação da ESAV realizou-se com o auxílio de Peter Henry Rolfs e foi baseada na experiência dos Land Grant Colleges, dos Estados Unidos, influenciando fortemente a estrutura e arquitetura do *campus* universitário.

Desde essa época, era possível observar um alinhamento formal do verde, tanto dos campos experimentais de cultura, quanto da vegetação que se destinava ao embelezamento do *campus*. Já na implantação dessas áreas verdes “artificiais” foi denotada, mesmo que ainda de forma incipiente, a intencionalidade da criação de uma imagem diferenciada da instituição, pois o plantio das árvores de forma alinhada na avenida principal e na avenida da agronomia, explicitaram a caracterização de uma idéia moderna ao *campus*, destacando-o pela diferença de sua paisagem com relação ao restante da cidade de Viçosa. Esta era identificada por uma paisagem de elementos essencialmente rurais, com propriedades inferiores a 50 hectares, típicas de economia familiar.

Na década de 50, quando a instituição já havia se tornado UREMG observa-se a continuidade do movimento de ordenação do verde, seguindo, ainda, a influência da cultura norte-americana e, também, nesse momento, da cultura francesa, que se caracterizava por

mostrar a natureza dominada pelo homem, prevalecendo a geometria e a uniformidade simétrica como uma perspectiva visual acentuando a idéia da monumentalidade, como pode ser observado em destaque na foto (fig. 1), a avenida principal com as árvores alinhadas no *campus* da UFV.

CAMPUS DA UFV NA DÉCADA DE 60

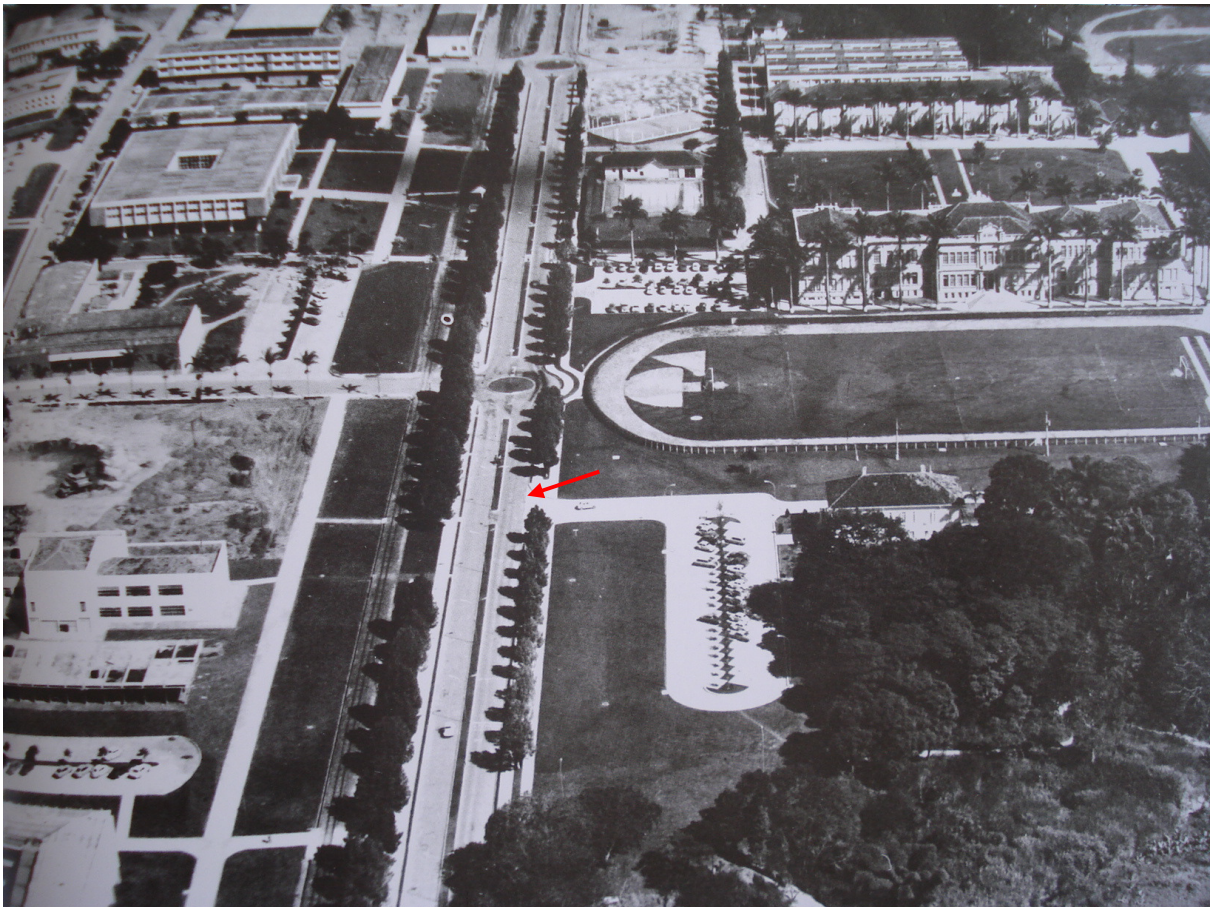
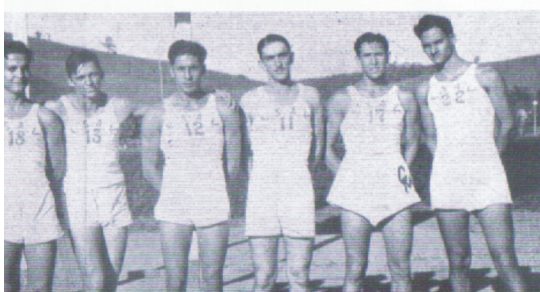


Figura 1. Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C., 2006.

Nesse contexto, a ordenação das áreas verdes na UFV se torna mais marcante, sendo expandidas para as vias secundárias e entorno dos edifícios. Esse aparato criado para a constituição do *campus* produziu também, uma imagem e funcionalidade de *parque*, ainda que não houvesse a explicitação de tal fato. Essa nova imagem e função que o *campus* passou a ter, já apresentavam indícios antes mesmo de se instalarem novas infra-estruturais no local,

como pode ser visto nos arquivos fotográficos de SABIONI e ALVARENGA (2006, p. 42). Nestes, é possível verificar que desde a década de 30 ocorriam atividades de lazer no *campus* promovidas pela própria Escola Superior, como o mês feminino criado por Bello Lisbôa, que tinha o objetivo de proporcionar, dentre outras atividades, práticas desportivas para mulheres (fig. 2). Ainda constam registros de campeonatos de futebol, atletismo e basquete com o time da ESAV. Uma antiga piscina no campus (fig. 3) também foi palco de competições esportivas, sendo considerada como área de lazer não só para as pessoas diretamente envolvidas com a universidade, mas para a comunidade viçosense em geral.



Década de 30

Prática desportiva no Mês Feminino, criado por Bello Lisbôa em 1935 (acima).

Time de futebol da Esav, composto de alunos dos cursos superior e médio, recebendo o time do Grambery de Juiz de Fora, MG; equipe de atletismo; e atacantes do time de basquete (à esquerda).

A piscina antiga – situada no Vale da Agronomia – que foi palco de competições esportivas, além de área permanente de lazer para a comunidade universitária e viçosense (à direita).

Figura 2. Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C., 2006.



Figura 3. Fonte: SABIONI, G. S.; ALVARENGA, S. C., 2006.

Tendo em vista o papel desempenhado pelo *campus* desde sua constituição, tomando dentre outras funções também a de área de lazer, é que a presente monografia propõe a designação da função de parque e a denominação *UFV-Parque*. Ressalva-se que na criação deste espaço, não ocorreram etapas típicas da constituição de parques públicos urbanos, pois, segundo SCALISE (2002), a provisão destes é função do município e ocorre a partir de sua presença nos planos administrativos devido à necessidade de sua existência. Atualmente, essa necessidade tem sido fruto de reivindicações por instalações de parques e áreas verdes nas cidades. Diferentemente disso, a criação da UFV, foi de iniciativa federal e nada tinha de ligação com reivindicações e planos, sejam populares ou da própria administração pública municipal. No entanto, considera-se que desde os primórdios a UFV tinha preocupação com o setor de jardinagem e com a instituição de atividades de lazer, o que a aproxima de características referentes a parques urbanos, apontadas pela mesma autora: presença de

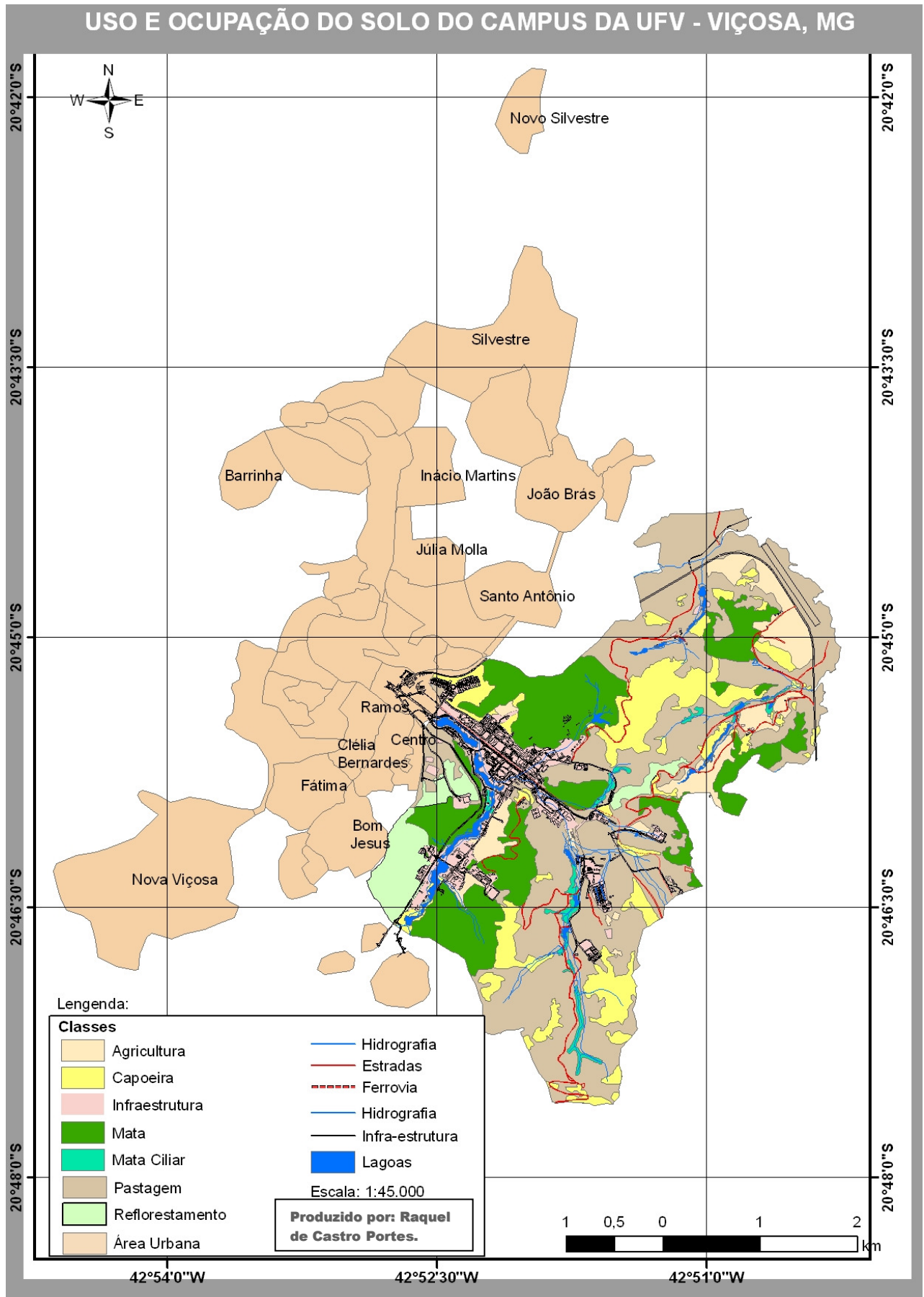
gramado, jardins, árvores, lagoas e infra-estrutura; além de espaços livres que oferecem a oportunidade de recreação e espaços que propiciem a contenção de enchentes e a manutenção de algumas espécies vegetais e animais, bem como espaços para práticas esportivas e passeio.

Com o surgimento da UREMG, a partir de 1948, houve na cidade uma maior preocupação com infra-estrutura de energia e transporte, indispensáveis ao funcionamento da instituição. Marcava-se, assim, o início da dependência tanto econômica quanto social da cidade em relação à universidade, visto que a expansão da instituição provocou um contínuo afluxo de pessoas e recursos para o local, o que se constituiu como um dos principais motores de funcionamento da cidade e da imagem atual de cidade educadora.

A partir da década de 70, modificou-se o cenário do *campus* universitário com a construção, ampliação e recuperação de numerosas obras. Pavimentou-se com asfalto os sistemas viários, construíram-se áreas de estacionamento, ergueram-se novos edifícios, foram tratadas as redes de água, melhoradas as instalações elétricas e hidráulicas, bem como os aspectos paisagísticos com a construção das represas e novas áreas arborizadas e jardinadas.

Essas modificações, além de promoverem a imagem da grande e bela Universidade Federal de Viçosa, atraiu novas funções para o espaço universitário que, além da típica função do trabalho, o afirmou, também, como espaço de lazer, especialmente pela escassez de locais que propiciem esta função na cidade.

Essas estruturas e a configuração do *campus* da UFV podem ser observadas no mapa 2, através da representação cartográfica atual de seu uso e ocupação do solo.



Mapa 2. Fonte: Plano Diretor Físico e Ambiental do *Campus* da Universidade Federal de Viçosa, 2006 e Guia de Viçosa, 2005.

4 OS OLHARES SOBRE O VERDE E A UFV-PARQUE

Os espaços abertos ou as edificações possuem certas características físicas que contribuem para o desenvolvimento de determinados usos, especialmente quando esses espaços apresentam uma flexibilidade, ou seja, uma organização que possibilita mais de um tipo de uso. (REIS; LAY, 2006. p. 30)

Considera-se que esta flexibilidade se encontra presente na organização espacial da UFV, pois além de desempenhar a função de trabalho, sua área também apresenta uma estrutura espacial que possibilita o lazer. Contudo, nota-se que o uso desses espaços são apreendidos e vivenciados de diversas maneiras em função dos interesses dos agentes sociais da cidade. Assim, tal qual a diversidade dos agentes, são os olhares dos mesmos para esse espaço, e o tipo de uso e apropriação nele desenvolvidos, como as atividades de lazer e a valorização imobiliária.

Para compreender esses diversos olhares e de que maneira a imagem da UFV influencia o seu uso e gera valor, foram realizadas entrevistas em diferentes locais da cidade de Viçosa, abrangendo grupos socioeconômicos variados, além de terem sido realizadas entrevistas junto às imobiliárias e à administração de parques e jardins da UFV.

4.1 A UFV-Parque na Ótica Administrativa da UFV

Em entrevista concedida à presente pesquisa, constatou-se a grande importância dada pela UFV na construção de sua imagem paisagística que resulta, na função de parque do campus universitário. Esse fato pode ser denotado inclusive no próprio nome da instância responsável por esses cuidados: Divisão de Parques e Jardins. O chefe administrativo responsável informou que a essa Divisão foi instituída a partir de 1995, mas que antes disso, ela funcionava como setor e ele não sabe informar com precisão quando ocorreu o início de suas atividades.

A quantidade de funcionários da Divisão também se revela razoavelmente grande: 76 empregados da universidade e mais 16 contratados de uma empresa privada. Contudo, o chefe da Divisão observou que o número de funcionários já foi maior, chegando a ser 250 e revelou que o motivo dessa queda se deve ao fato de antes ter existido o cargo de auxiliar agropecuário³ para desempenhar tais funções.

Os funcionários da Divisão de Parques e Jardins da UFV estão subdivididos em grupos responsáveis por trabalhos específicos, tais como coleta seletiva de lixo, jardinagem, tratoristas, poda de grama, viveiristas (produção de mudas ornamentais para plantar no campus), operadores de moto-serra, poda de árvores e cercas vivas e manejo de lenha para caldeiras.

³ Os auxiliares agropecuários eram selecionados por meio de editais federais, mas houve a extinção desse cargo.

Durante a entrevista, ainda foi informado que a Divisão recebe total apoio da UFV, tendo facilidade no atendimento dos pedidos de materiais e equipamentos necessários.

Quando indagado sobre qual a importância dessa Divisão para a universidade, o chefe administrativo disse que considera esse setor fundamental, pois seu papel é que reforça a idéia de cartão postal da UFV, aspecto que segundo ele, já é tradicional e responsável pela fama de ser uma universidade muito bem cuidada. A veemência do papel desse setor ficou ainda mais evidente na seguinte fala do entrevistado: “há uns doze anos o descaso com a Divisão de Parques e Jardins derrubou um pró-reitor. Quando eu entrei aqui a primeira coisa que o pró-reitor me falou foi: ‘Cuidado, Parques e Jardins derruba pró-reitor’”.

O entrevistado também colocou que a UFV é reconhecida como um dos *campus* universitários mais belos do Brasil e conforme ele apontou, este é um fato muito bom, pois demonstra a competência da Divisão e de seus funcionários.

Em resposta ao questionamento se ele considera importante existirem áreas verdes na cidade, o chefe da Divisão de Parques e Jardins respondeu positivamente, mas colocou que a UFV não desempenha esse papel em Viçosa como um todo. Segundo ele, para que isto acontecesse, seriam necessárias ações mais amplas que envolvessem acordos entre a universidade e a prefeitura ou até mesmo com o Instituto Estadual de Florestas (IEF) e o Conselho Nacional de Meio Ambiente (CODEMA). O chefe da Divisão explanou ainda que é bom o fato da população usar a UFV não só como local de estudos, mas também como área de lazer, pois essa seria a única área em Viçosa que proporcionaria tais condições, além de ser, segundo ele, uma área segura.

Em vista das afirmações dadas pelo setor administrativo da Divisão de Parques e Jardins – responsável pelos cuidados com o verde do *campus* da UFV –, é possível auferir sobre a intenção e preocupação desempenhados nessa instância, já que ela é responsável por projetar a imagem de beleza, organização, grandeza e poder da instituição. Esse fato pode ser

também constatado por meio da autopropaganda da UFV nas imagens (fig. 4, 5 e 6) e no vídeo institucional⁴, em que é feita referência da instituição como uma das mais modernas e belas universidades do país.

EDIFÍCIO ARTUR BERNARDES E CENTRO DE VIVÊNCIA



Foto: Dynea Catharina Cotta

Figura 4. Fonte: <<http://www.ufv.br>> Acesso em 15 de outubro de 2008.

⁴ Material disponibilizado no *website* da Universidade Federal de Viçosa: <http://www.ufv.br>

JARDIM PRÓXIMO À ENTRADA PRINCIPAL DA UFV



Figura 5. Fonte: <<http://www.ufv.br>> Acesso em 15 de outubro de 2008.

VISTA PANORÂMICA DO CAMPUS



Figura 6. Fonte: <<http://www.ufv.br>> Acesso em 15 de outubro de 2008.

4.2 A Idéia de UFV como Parque: O Olhar da População

Para compreender como a população apreende o espaço verde da UFV e os usos dados a esse espaço, procurou-se entender primeiramente a opinião popular sobre o que são áreas verdes e sua importância na cidade. Depois, foi questionado de que forma as pessoas se relacionam com esses espaços, averiguando ainda a especificidade dessa relação com as áreas verdes da UFV e as atividades ali desenvolvidas.

Considerando o primeiro aspecto, ao ser perguntado para as pessoas o que elas entendem por área verde, foram obtidas as seguintes respostas:

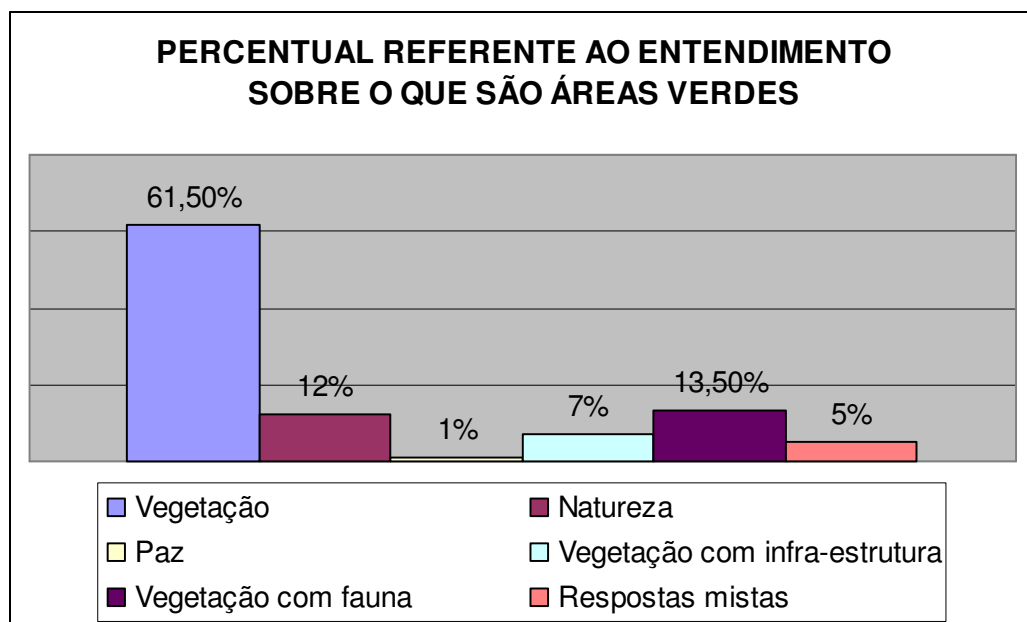


Gráfico 1: Percentual referente ao entendimento sobre o que são áreas verdes. Elaborado por: OLIVEIRA, Viviam Ghizellini, 2008.

Conforme notado no gráfico 1, a grande maioria das respostas, somando 85%, identificaram as áreas verdes como locais com algum tipo de vegetação, especialmente áreas arborizadas. Deste total, 15% adicionaram às áreas vegetadas, a fauna e, 8% algum tipo de infra-estrutura, geralmente ligadas à conformação de parques, com equipamentos para lazer. Constatou-se também o resultado de 13% que definiu as áreas verdes como natureza, tomando-as como áreas preservadas, praticamente sem modificações antrópicas e 2% ligaram a definição dessas áreas a questões subjetivas de paz e bem-estar.

Cabe ressaltar que uma parte considerável dos entrevistados apresentou dificuldades para definir o que são áreas verdes, colocando até mesmo que não sabiam defini-las. Contudo, mesmo apresentando tais dificuldades, diante da segunda pergunta – “você acha que é importante existirem áreas verdes na cidade?” –, os entrevistados responderam prontamente que sim, conforme pode ser verificado no gráfico 2:

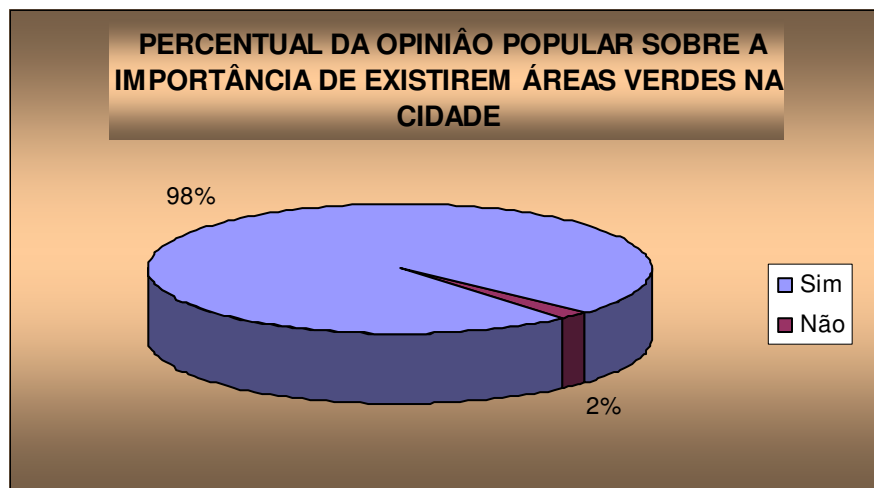


Gráfico 2: Percentual de opinião sobre a importância de existirem áreas verdes na cidade. Elaborado por: OLIVEIRA, Viviam Ghizellini, 2008.

De acordo com a gráfico 2, nota-se que quase a totalidade da população entrevistada declarou que é importante existirem áreas verdes na cidade. Relacionando-se este fato com a

dificuldade que muitos dos entrevistados apresentaram para definir o que são áreas verdes, é possível perceber que os apelos ambientais atuais que conectam as soluções de poluição ao “verde emblemático”, realmente surtem efeito na população, mesmo que esta não saiba exatamente do que se trata. Já os apenas 2% que opinaram não ser importante existirem áreas verdes na cidade, argumentaram que essas áreas devem existir, mas fora da cidade, isto é, nas zonas rurais ou em locais afastados de modo que não prejudiquem o crescimento e desenvolvimento de indústrias, moradias e, segundo suas colocações, o desenvolvimento da própria cidade.

A ligação da existência de áreas verdes com a contenção da poluição do ar pode ser facilmente identificada nas respostas da população à pergunta do porquê é importante existirem áreas verdes na cidade:

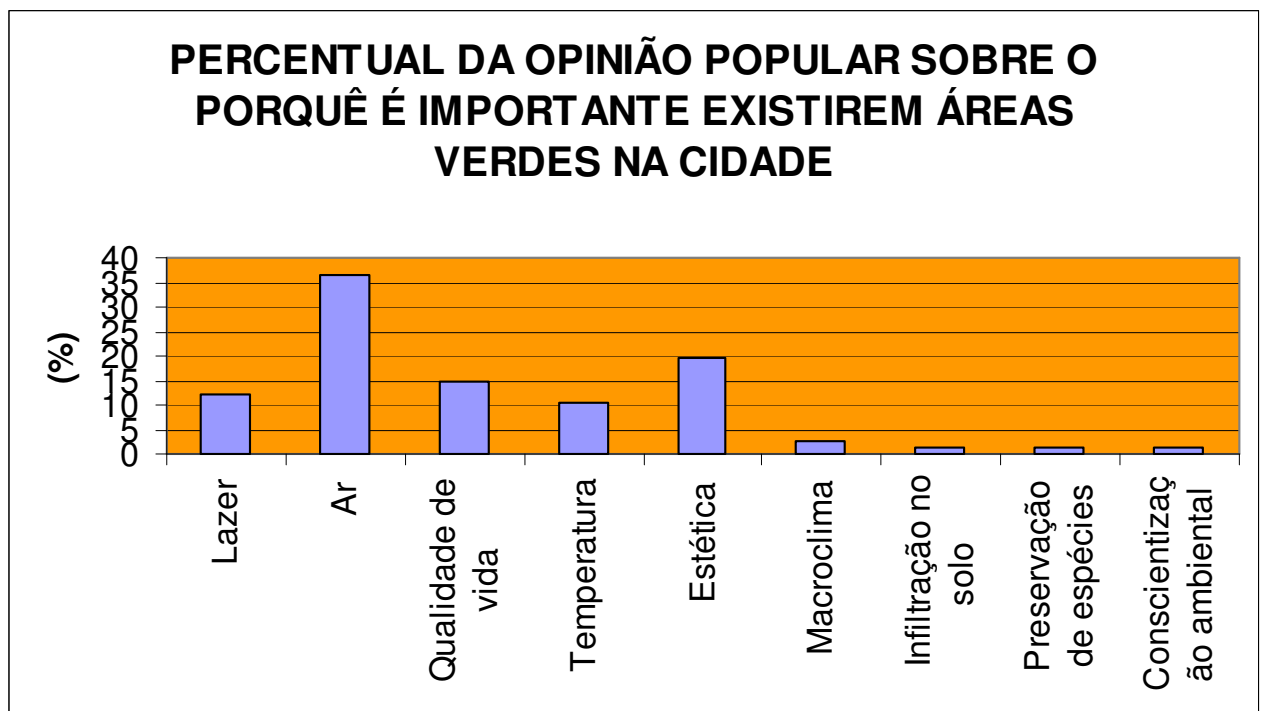


Gráfico 3: Percentual da opinião popular sobre o porquê é importante existirem áreas verdes na cidade.

Elaborado por: OLIVEIRA, Viviam Ghizellini, 2008.

A grande porcentagem mostrada no gráfico 3 remete à resposta *ar* (36,36%), isto é, associa a existência de áreas verdes à diminuição da poluição atmosférica citadina. As demais respostas com porcentagens consideráveis assinalaram importância das áreas verdes pela beleza *estética* (19,63%) que trazem à cidade, além da melhora na *qualidade de vida* (14,9%), na disponibilização de áreas para o *lazer* (12,36%) e na amenização da *temperatura* (10,54%), especialmente pelo sombreamento que essas áreas proporcionam. Vê-se dessa forma que aspectos como a beleza e o lazer, encontram-se bem acima em termos de importância para a população do que aspectos como a preservação de espécies e a consciência ambiental associados à presença de áreas verdes na cidade.

Após o levantamento do porquê é importante existirem áreas verdes na cidade, foi perguntada para a população qual localidade em Viçosa são identificadas como sendo áreas verdes.

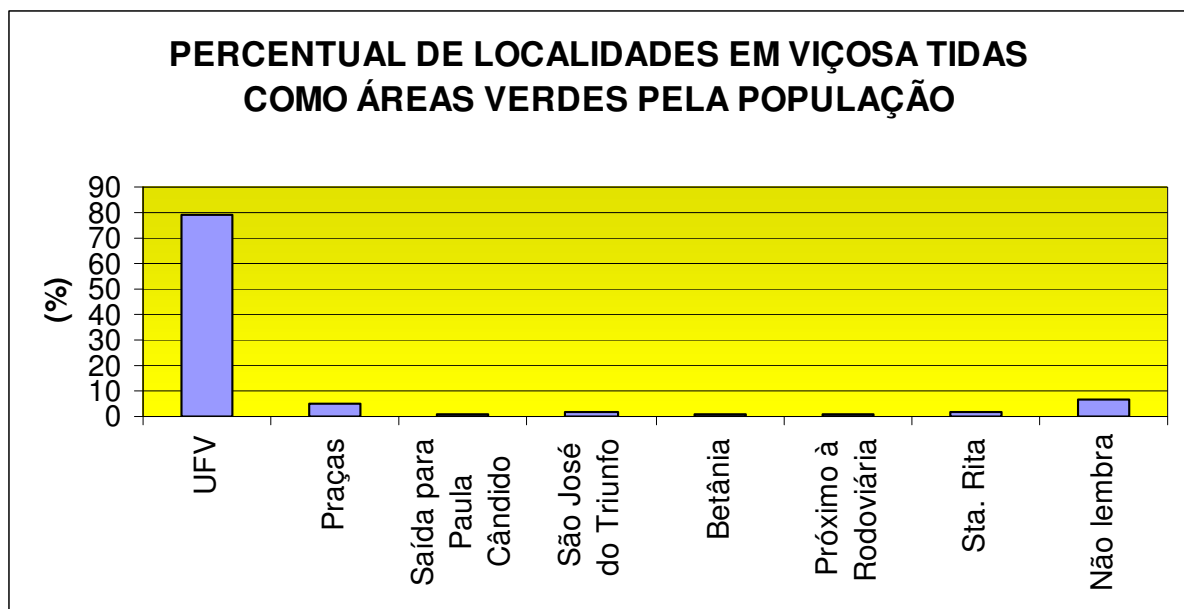


Gráfico 4: Percentual de localidades em Viçosa tidas como áreas verdes pela população. Elaborado por: OLIVEIRA, Viviam Ghizellini, 2008.